



NATALIA FIGUEIREDO
natalia.figueiredo@odia.com.br

O recanto dos jacarés, na Zona Oeste do Rio, é um fenômeno. No topo do ranking dos locais que mais crescem e recebem investimentos na cidade, o vigor permanente de Jacarepaguá tem várias explicações. São novos empreendimentos, a implantação de novas vias e o aumento crescente da população. Tudo isso mantendo intacto um aspecto que muito contribui para o charme irresistível do bairro: o contato com a natureza.

Em uma área de 126,61 km², 51 milhões de metros quadrados são de unidades de conservação. Número considerável para o segundo maior bairro da cidade, que conta com 10 sub-bairros independentes entre o Maciço da Tijuca e o Parque Estadual da Pedra Branca. É lá no parque que fica o ponto culminante do Rio com seus 1.024 metros de altitude, o Pico da Pedra Branca.

Ao contrário do que muitos pensam, a Floresta da Tijuca não é a maior floresta urbana do mundo. Com seus 12,5 mil hectares, o Parque Estadual da Pedra Branca garante o pódio para a Zona Oeste. É bem verdade que ele não atrai tantos visitantes, fato que os praticantes de montanhismo comemoram. “As trilhas são conservadas, com bastante serapilheira (folhas, galhos e frutas que formam uma cobertura vegetal, um tapete natural) e você quase não vê ninguém quando passa, o que é muito bom para quem quer curtir o silêncio da natureza”, explica Adilson Peçanha, diretor de Comunicação do Centro Excursionista Brasileiro (CEB).

Peçanha e o presidente do CEB, o argentino Horácio Ragucci, acompanharam a equipe de reportagem do **DIA** em visita ao parque. A partir da entrada chamada de Núcleo Pau da Fome, na Taquara, iniciamos uma travessia até o Núcleo Camorim, no bairro homônimo. O trajeto, feito em sete horas, incluiu a Pedra do Quilombo, o Alto das Laranjeiras até o Açude do Camorim e a Cachoeira. Entre todas as riquezas da região, Horácio Ragucci destaca o açude como a grande joia de Jacarepaguá. “Nós estamos a 450 metros de altura, essa imensa represa fica mais alto que o Pão de Açúcar. Isso é único”, conta Ragucci. Nestes dias de estiagem que atinge o Sudeste, o nível da água está muito baixo.

Em duas horas de caminhada chega-se ao topo da Pedra do Quilombo. O visual vale todo o sacrifício. É possível observar toda a Baixada de Jacarepaguá, as praias da Reserva, a Barra da Tijuca, a lagoa e o Maciço da Tijuca. Depois é correr para o abraço. No caso, assinar o Livro de Cume do CEB, onde o visitante escreve uma poesia, conta sua aventura ou arrisca um desenho. A trilha, fechada em quase toda a extensão, embala um clima daqueles bem agradáveis, mesmo no verão carioca. No trajeto, também fomos acompanhados por dois espertos vira-latas. Eles conhecem tão bem os caminhos quanto os montanhistas. Para eles, não tem tempo ruim, trilha fechada ou caminho difícil. São os mais preparados da turma.

Parte do trajeto foi sinalizada por iniciativa do Mosaico Carioca — associação de todos os parques do Rio — para o projeto da Trilha Transcarioca. Percurso com 170 km de extensão, que cruzará o Rio de Janeiro, da Barra de Guaratiba até a Urca. A marca do projeto exibe a pegada de uma bota. Na sola, o Cristo Redentor carregando uma mochila.

UM RIO À PARTE EM JACAREPAGUÁ

Prosperidade, natureza exuberante e refúgio dos Novos Baianos são peças de um quebra-cabeça chamado Lagoa Rasa dos Jacarés, o nome do bairro em tupi-guarani



ALEXANDRE VIEIRA



O nível da água no Açude do Camorim nunca foi visto assim tão baixo



No quintal da adeguinha, Dona Olívia cultiva suas parreiras



ALEXANDRE BRUM

O empresário Alípio faz um brinde ao castelo e à história dos imigrantes portugueses

Os sonhos mais lindos de Olívia

► Um castelo de madeira nos moldes europeus. Quem passa pelo Pechincha não tem como não ver, principalmente agora, nas festas de fim de ano. O prédio inteiro se ilumina. O Castelo do Vinho, inaugurado em 2002, é o guardião de 65 anos de histórias da colônia de imigrantes portugueses, desde quando o bairro era rural. Alípio Ramos, filho de lavradores, deu continuidade ao negócio do pai, que tinha uma pequena adega e que depois virou um castelo. Coisa de sonho. “O que a gente leva da vida é isso, são os sonhos, então lutamos e construímos o nosso”, conta o proprietário. O prédio tem 2.770 metros divididos em quatro pavimentos que abrigam a adega, um restaurante e área para festas. Além dos 2.400 rótulos, que elevam o estabelecimento ao posto de maior adega do Bra-

sil. “Ser a maior já foi uma questão importante, hoje o que importa é ser a melhor”, explica Ramos. Dona Olívia Ramos, a matriarca, lembra, aos 88 anos, o tempo em que começaram a empreitada. “Em Jacarepaguá, havia muitas chácaras de portugueses que bebiam muito vinho. Eu ajudava meu marido de todas as formas, lavando roupa pra fora ou cozinhando. Comprávamos os barris e os garrafões do Rio Grande do Sul e aos poucos fomos construindo nosso negócio”. Dona Olívia conta a receita de um bolinho de bacalhau daqueles, ela mantém a charmosa ‘adeguinha’, em frente ao castelo, e afirma que dela não se desfaz de jeito algum. “Aqui foi a história da minha vida, com muita luta, onde fui muito feliz e criei meus três filhos. Eu não posso me desfazer da minha pequeninha”, conta Dona Olívia.